

EDUCAÇÃO POPULAR E SUSTENTABILIDADE: O CASO DA FORMAÇÃO CONTINUADA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA DO GESTRAF BARBALHA, CEARÁ.

Ademar Maia Filho¹
Francisco Mário de Sousa Silva²

Resumo

Esse estudo fundamenta-se em um diálogo sobre a educação popular com ênfase na sustentabilidade. A compreensão interdisciplinar entre educação popular e sustentabilidade tem sido subsídio pedagógico, em processos de formação continuada, comumente disponibilizado e/ou adotado por comunidades rurais do Semiárido brasileiro. Nesse sentido, o estudo objetivou identificar as influências da educação popular sobre a cultura da sustentabilidade, em uma comunidade de agricultores rurais do Semiárido nordestino. Para tanto, aplicou-se uma metodologia fundamentada na abordagem multimétodo, realizando pesquisa bibliográfica e documental na tentativa de identificar, como é aplicada a educação popular para o desenvolvimento da cultura da sustentabilidade no grupo pesquisado. Os resultados apontaram que, o processo de Formação Continuada em Economia Solidária pode ser desenvolvido como ferramenta construtiva, pautada na ética, solidariedade, no desenvolvimento de novas habilidades, sentidos e percepções, sobre o meio em que vivem, e a forma como vivem, fortalecendo a união dos participantes em prol da sustentabilidade. Por fim, considera-se que a educação popular enquanto instrumento libertador dos mecanismos de dominação social é uma eficaz estratégia para a promoção do desenvolvimento sustentável.

Palavras chave: Educação Popular; Desenvolvimento Humano; Cultura da Sustentabilidade; Economia Solidária; Desenvolvimento Rural.

INTRODUÇÃO

As transformações sociais da modernidade têm ocorrido de maneira efêmera, mantendo o antropocentrismo embutido nos paradigmas sociais já consolidados, evitando encontrar e/ou direcionar novos estilos de convivência social e harmonia com a natureza.

Neste cenário, as problemáticas sociais vivenciadas na atualidade são fundamentadas por uma crise antropocêntrica, transformada em crise econômica, cultural e ambiental, atingindo todas as camadas sociais com intensidade distintas, sendo as camadas sociais mais desfavorecidas, as mais prejudicadas.

A capacidade do homem de se perceber diante das mudanças não foi suficiente para que produzisse mecanismos compensatórios que garantissem que a vida na terra seria digna para todos e não apenas para alguns que conseguissem acumular com mais eficiência as riquezas e os resultados da evolução (CHACON, 2007, p. 108).

1- Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri – UFCA, ademarfilho_9@hotmail.com.

2- Professor orientador: Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável, Universidade Federal do Cariri - UFCA, fcomariojml@yahoo.com.br.

Nesse contexto, o desenvolvimento das sociedades tem ocorrido à margem das percepções humanas sobre a natureza e sobre sua espécie, haja vista a baixa evolução de hábitos e culturas sociais, pautadas na ética e solidariedade. Nesse sentido faz-se positivo refletir sobre a construção da vida humana a partir do saber ambiental (BILYK, 2018).

Logo, entende-se que, a falta de motivação e mobilização social, de consciência crítica e/ou autocrítica humana sobre o modo de vida, tem conduzido a sociedade moderna a um distanciamento do que hoje é posto como essencial a existência humana: a sustentabilidade.

Para Boff (2007) a harmonização da dualidade humano-natureza, sob a perspectiva da sustentabilidade, é o novo paradigma da civilização humana moderna:

A categoria sustentabilidade é central para que a cosmovisão ecológica, possivelmente, constitua um dos fundamentos do novo paradigma civilizatório que procura harmonizar ser humano, desenvolvimento e Terra entendida como Gaia (BOFF, 2007).

Mas como não comprometer as gerações futuras, se os atuais padrões culturais, produtivistas e consumistas dificultam as percepções sociais e ambientais na modernidade? Não carece aqui apresentar uma resposta pronta, mas que se busquem respostas a partir de reflexões diárias, nas ações que interferem no meio socioambiental, na forma como se conduz a economia, na aculturação a que somos submetidos.

Traz-se neste estudo um diálogo sobre a educação popular para a sustentabilidade. Esta vertente tem sido aplicada através das organizações sociais, em processos educativos informais, considerando não apenas o repasse de informações, mas trocas de saberes, de experiências e vivências entre os diversos atores envolvidos, na perspectiva da ecopedagogia, “uma pedagogia que tem como suporte o Paradigma Terra que considera esse planeta como uma única comunidade, una e diversa” (GUTIÉRREZ; PRADO, 1999, GADOTTI, 2009, p.02).

Mediante esse contexto, propostas pedagógicas envolvendo a educação popular são comumente disponibilizadas e/ou adotadas por comunidades rurais do Semiárido brasileiro, em processos de formação continuada. Nesse sentido, o estudo objetivou identificar as influências da educação popular sobre a cultura da sustentabilidade, em uma comunidade de agricultores rurais do Semiárido nordestino.

EDUCAÇÃO POPULAR E A CULTURA DA SUSTENTABILIDADE

Para Pini (2012) no século 21, a Educação Popular é compreendida como, uma proposta educativa fundamentada na soberania popular, na justiça social e no respeito integral aos

direitos humanos, sendo o seu reconhecimento urgente, para a ampliação e a concretização dos direitos socioambientais. Esse formato educacional ganha destaque na atualidade, retomando princípios centrais do desenvolvimento humano, respeitando, reconhecendo os grupos socialmente excluídos e, com eles, reassumindo a luta histórica por um projeto emancipador anticapitalista. Neste contexto, novas bandeiras são incorporadas, como a defesa socioambiental.

Na perspectiva freiriana, a Educação Popular compreende uma visualização valorativa do contexto social e territorial vivenciado pelos diversos atores, provocando mudanças sociais, motivando-os a reconhecer identidades, especialmente quando desenvolvida fora dos espaços escolares. Trata-se, portanto de uma ideia emancipatória que rompe com barreiras criadas historicamente, por ações colonizadoras, que ainda perduram na atualidade. Para Santos (2017, p. 04):

A Educação Popular é uma educação que vem do povo, das comunidades populares, dos movimentos sociais, enfim, de uma concepção totalmente diferente da educação tradicional. Neste sentido, a reflexão crítica é indispensável no que se refere à práxis desta educação. Logo, podemos, a partir da crítica (e autocrítica), planejarmos uma educação com menos erros e desafios.

Nesse sentido, a Educação Popular colabora com a construção de hábitos éticos e solidários, além do desenvolvimento cultural voltado a sustentabilidade, contrapondo-se aos paradigmas clássicos da sociedade. Para tanto, a Educação Popular não pode ser vista como algo ultrapassado, que não serve para os dias atuais, visto que, esta educação construída no seio dos movimentos sociais, tendo como principal teórico o educador Paulo Freire, traz uma proposta educacional crítica, reflexiva, libertadora e emancipatória (SILVA; SILVA, 2016). Para Gadotti (2005) os atuais paradigmas sociais têm comprometido a sustentabilidade do planeta, o que inclui os moldes estabelecidos para a educação.

Os paradigmas clássicos que orientaram, até agora, a produção e a reprodução da existência no planeta colocaram em risco, não apenas a vida do ser humano, mas todas as formas de vida existentes na Terra. Alertas vêm sendo dados há décadas por cientistas e filósofos desde os anos 60. Precisamos de um novo paradigma que tenha a Terra como fundamento (GADOTTI, 2005, p. 15).

Santos (2017) aponta que, a autocrítica tem a sua particularidade, uma vez que, por meio desta, nos autoavaliamos e corrigimos os possíveis erros cometidos durante a aplicabilidade de uma educação caracterizada como popular, ou seja, oriunda dos anseios de uma população, de um povo.

Processos autocríticos, e/ou de autoconhecimento, proporcionam o reconhecimento de identidades e ampliam as percepções sobre o ambiente, onde as ações humanas passam a ser conduzidas por maior senso de responsabilidade para com o ambiente, e assim, para com o futuro da sociedade, fortalecendo uma cultura de sustentabilidade, conforme afirma Leonardo Boff:

A sustentabilidade não acontece mecanicamente. Ela é fruto de um processo de educação pela qual o ser humano redefine o feixe de relações que entretém com o universo, com a Terra, com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo dentro dos critérios assinalados de equilíbrio ecológico, de respeito e amor a Terra e à comunidade de vida, de solidariedade para com as gerações futuras e da construção de uma democracia socioecológica (BOFF, 2013, p.149).

No contexto socioambiental, para além da educação intelectual, o desenvolvimento de consciências passa por processos educativos comportamentais, vislumbrando alcançar a sustentabilidade. Desse modo, o processo de educação, no contexto ambiental, requer essencialmente, mudanças de comportamentos (BILYK, 2018).

Para Freire (1980, p. 28), “quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos”.

Segundo Gadotti (2012) a educação para a sustentabilidade, fomenta a percepção sobre a Terra como espaço a ser preservado. Para o autor, a ausência da educação com ênfase na sustentabilidade tem mantido ações de devastação ambiental, sendo que, os limites dessa percepção vêm exaurindo recursos naturais e dinâmicas socioculturais.

Nesse sentido, a educação popular com vistas à sustentabilidade, pode ser utilizada por meio do reconhecimento do ambiente, das interações sociais e interpessoais dos diversos atores e ainda, mediante os aspectos culturais que emergem das sociedades, conforme destaca Paulo Freire, ao tratar da importância da dimensão cultural nos processos de transformação social (PINI, 2012). Sobre a cultura da sustentabilidade, Gadotti afirma que:

Uma cultura da sustentabilidade é, também, por isso, uma cultura da planetaridade, isto é, uma cultura que parte do princípio que a Terra é constituída por uma só comunidade de humanos, os terráqueos, e que são cidadãos de uma única nação (GADOTTI, 2005, p.16)

Freire (1997) ressalta que, mudar o mundo é tarefa urgente, difícil e necessária. Para o autor, as mudanças sociais podem ser alcançadas ao longo do tempo, com propostas que flexibilizem as dinâmicas sociais e fortaleçam a consolidação de novos paradigmas de sustentabilidade, em busca de promover o bem viver. “*O Buen Vivir*, na realidade, se apresenta

como uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de vida” (ACOSTA, 2016, p.208). Nesse sentido Gadotti (2005, p.28) salienta que, “para mudar o mundo, é preciso conhecer, ler o mundo, entender o mundo, também cientificamente, não apenas emocionalmente, e, sobretudo, intervir nele, organizadamente”.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida de forma exploratória e descritiva, fundamentada em um estudo de caso, a partir de abordagem multimétodo (CRESWELL, 2007) integrando distintas ferramentas de levantamento de dados, como: pesquisa documental, para o levantamento de dados primários e pesquisa bibliográfica, para a coleta de dados secundários, na tentativa de identificar, como é aplicada a educação popular para o desenvolvimento da cultura da sustentabilidade no grupo pesquisado.

O estudo foi desenvolvido junto à agricultores familiares que integram o Grupo de Economia Solidária e Turismo Rural da Agricultura Familiar – GESTRAF, com sede no município de Barbalha/CE (Figura 01). O Município é integrante da Região Metropolitana do Cariri, no sul do Ceará. Apesar de estar em pleno Semiárido nordestino, Barbalha beneficia-se pela proximidade com a Chapada do Araripe, rica em fontes de água mineral, que compõem o Aquífero do Araripe, na Bacia Sedimentar do Araripe (DIÁRIO DO NORDESTE, 2017).

Apesar da disponibilidade hídrica, característica que a diferencia de outros territórios do Semiárido nordestino, a atividade agropecuária do município não contribui efetivamente com a composição do PIB (IBGE, 2016).

De acordo com o Censo Agropecuário do IBGE (2017), Barbalha possui 2.936 estabelecimentos agropecuários, ocupando 12.895,4ha do território municipal. Deste, 657,2ha são de áreas com sistemas agroflorestais. A maioria dos estabelecimentos (76%) são de agricultores do sexo masculino. Em geral, 62% dos agricultores estão com idades entre 30 e 60 anos. A adubação orgânica é aplicada em 26% dos empreendimentos rurais, bem acima dos quase 1,5% que utilizam adubação química. Grande parte dos agricultores (65%) nunca utilizou agrotóxicos. Cerca de 3% dos empreendimentos rurais possuem áreas de florestas naturais. Entretanto, a maior parte dos estabelecimentos rurais (92%) não dispõe de assistência técnica especializada.

Figura 01: Foto aérea – vista parcial da localização do município de Barbalha e da Chapada do Araripe.



Fonte: Jean-Pierre Peulvast, 2015.

Os dados foram coletados no mês de junho de 2019. As informações primárias foram obtidas consultando-se os documentos disponibilizados pela equipe de articulação do Grupo. Já os dados secundários, resultaram das consultas à literatura disponível em distintas publicações, em variados formatos, conforme orientam Kauark, Manhães e Medeiros (2010) e Severino (2007). Por se tratar de uma pesquisa exploratória descritiva, os resultados foram analisados na perspectiva qualitativa (VERGARA, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao consultar os registros do GESTRAF Barbalha, referentes ao ano de 2018, observou-se o esforço do GESTRAF por desenvolver uma ação educativa integrada, denominada de “Formação Continuada em Economia Solidária”, tendo como eixo central a sustentabilidade e como eixos perpendiculares, economia solidária, agroecologia e desenvolvimento rural.

A formação foi descrita como, “uma sistematização aberta, de caráter popular e educativo, onde as temáticas abordadas surgiriam naturalmente conforme as necessidades e/ou demandas dos participantes, conduzindo aos eixos propostos” (GESTRAF, 2018). Essa referência contempla o posicionamento de Bertineti, Pereira e Oliveira (2010) ao discutir sobre educação popular:

Na perspectiva de educação popular, o sistema precisa ser aberto, partindo da observância da realidade, é preciso dar significado a existência do sujeito, levar em consideração as condições sociais, econômicas e políticas dos indivíduos que estão envolvidos neste processo de educação para que através destas significações eles possam buscar a dignidade e liberdade, pois a Educação popular vai além dos muros escolares, ela ultrapassa as barreiras, é a Educação da Vida e na vida, é análise e compreensão do real na busca de novas possibilidades (BERTINETI; PEREIRA; OLIVEIRA, 2010, p.11).

O processo formativo realizado junto ao grupo foi planejado na perspectiva da Educação Popular, utilizando-se de metodologias de diagnóstico participativo, da sistematização de experiências, e de contextualizações envolvendo as identidades e vivências dos agricultores (GESTRAF, 2018), provocando assim, uma autocrítica sobre o modo de vida, de trabalho e das relações humano-natureza e interpessoais.

O processo de Formação Continuada em Economia Solidária pode ser identificado como, um processo construtivo pautado na ética e solidariedade, no desenvolvimento de novas habilidades, sentidos e percepções, sobre o meio em que vivem e a forma como vivem, fortalecendo a união dos participantes em prol de um bem comum: a sustentabilidade.

Percebeu-se que, o grupo, objeto da pesquisa, se trata de um movimento social popular militante, que busca através da educação popular o desenvolvimento social, ambiental e econômico, encontrando novos paradigmas que podem promover melhor qualidade de vida no contexto territorial. Conforme Poli (2003, p.08), nessa perspectiva, “pode-se dizer que a participação do movimento popular se torna central para que se tenha uma prática em educação coerente com o discurso de educação popular”.

Em uma sociedade capitalista e excludente, o movimento social é uma estratégia de resistência do GESTRAF, que passa a conquistar sua independência, vencendo desafios a partir da ideia de equidade e justiça. Santos (2017) afirma que, a Educação Popular encontra alguns desafios para a sua efetivação enquanto política de educação, haja vista a difícil tarefa de praticar as expressões políticas vindas das camadas populares, porém não é uma tarefa impossível.

Em tempos em que a humanidade vive uma crise ética, em que o paradigma dominante não supre as necessidades de todos, busca-se mecanismos para amenizar os problemas sociais,

tendo a educação como dimensão norteadora de ações, conforme explica Calgaro (2006, p.02) “vive-se num período de transição, que revela nas múltiplas dimensões de uma crise decorrente do esgotamento do paradigma dominante. Precisa-se buscar uma forma de educar a sociedade para os problemas sociais, para o progresso, para a busca desenfreada do poder”. Silva e Silva (2016) afirmam que:

A Educação Popular encontra-se mirada para essa transformação social, se antes tínhamos o foco na classe trabalhadora, agora permanecemos nela, mas ampliamos para o identitário, essa ressignificação da Educação Popular atende ainda mais as demandas dos diversos segmentos sociais populares (SILVA; SILVA, 2016, p.05).

No processo educativo desenvolvido pelo GESTRAF Barbalha, foram realizadas 21 ações (Quadro 01) as quais contemplaram: oficinas, palestras, intercâmbios, eventos, vivências e trocas de experiências. Percebeu-se, através das atividades, o surgimento de demandas a serem abordadas em temas contextualizados aos aspectos locais, bem como, o uso de processos lúdicos e comunicativos, que expressaram, mediante adaptação da linguagem, uma rica composição motivadora da sustentabilidade.

Quadro 01: Atividades da Formação Continuada – GESTRAF Barbalha.

Tópico	Tópicos Abordados na Formação Continuada em Economia Solidária
I	O papel da mulher na sociedade, lutas e conquistas: enfatizando a participação da mulher, na inserção em diferentes atividades econômicas, inclusive a doméstica.
II	Introdução a Agroecologia e a Economia Solidária.
III	Conservação Ambiental: conhecendo o “lixão” de Barbalha.
IV	Sementes crioulas: “ser semente”.
V	Plantas Medicinais: “conversando Miolo de Pote e defendendo a floresta”.
VI	Tecnologia para manejo de sementes crioulas no Semiárido.
VII	Práticas de cura através da oração e plantas medicinais (Mezinheiras e Rezadeiras do Grupo).
VIII	Moeda Social Kariri.
IX	Participação no ENAPEGS 2018.
X	Participação na EXPROAF 2018.
XI	Simpósio Nacional sobre Patrimônio e Práticas Culturais.
XII	Seminário Cenários para o Fortalecimento da Agricultura Familiar.
XIII	Tema- Resgate da Memória do GESTRAF.

XIV	Participação na EXPOCRATO 2018.
XV	Políticas Públicas.
XVI	Tecnologias sociais: biodigestor de resíduos orgânicos e geração de biogás.
XVII	Fundo Rotativo Solidário.
XVIII	Fragments da história do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Barbalha.
XIX	Roda de conversa “Teatro de caixa” e “lambe lambe”.
XX	Tecnologias Sociais: Produção de Mudás.
XXI	IX SEMANA DE AGRONOMIA na UFCA/CCAB/ Crato-CE. Oficina: Compostagem Orgânica.

Fonte: adaptado de GESTRAF Barbalha, 2018.

Na avaliação do processo de Formação Continuada em Economia Solidária, a Educação Popular destacou-se, por ser uma ferramenta decisiva no alcance dos objetivos do GESTRAF, sendo fundamental para a construção de novos paradigmas de desenvolvimento. Tal fundamentação busca romper com a imposição de modelos capitalistas impostos e oportunizar o desenvolvimento humano, na perspectiva do bem-estar social, provocando mudanças no modo de vida, conforme explicou Amartya Sen (2010) ao tratar do desenvolvimento como liberdade. Para Alba, Barreto e Alba (2015):

O problema ambiental atual, pode ser visto como um desequilíbrio produzido pelo estilo de vida que levamos, em uma sociedade moderna, capitalista e tecnológica. Decorrente do tipo de desenvolvimento econômico e racional envolvido, por práticas cartesianas e particularista. Onde, percebe-se urgente a necessidade de outro estilo de vida, mais holística, em rede, teia, ecológica, ética, que respeita às diversidades biológicas e culturais (ALBA; BARRETO; ALBA, 2015).

Nessa compreensão, a educação popular pode ser um instrumento para fortalecer os movimentos sociais, assim como no caso do GESTRAF Barbalha que, através da educação para a economia solidária, da experiência agroecológica, tem promovido o desenvolvimento rural sustentável. Para Roos e Becker (2012) a sustentabilidade é um processo estabelecido em longo prazo, haja vista a necessidade de mudanças do paradigma de desenvolvimento dominante, para o desenvolvimento pleno dos seres humanos em harmonia com a natureza.

É urgente a necessidade de transformação social em prol de mitigar as problemáticas ambientais, assim como promover a equidade social, percebendo a natureza não como um bem de consumo e exploração, mas como uma casa comum. Deve-se buscar romper com a cultura de risco e passar a uma cultura de sustentabilidade, tendo à ética e a solidariedade como suporte.

Considerações Finais

A Educação Popular enquanto instrumento libertador dos mecanismos de dominação social, é uma estratégia para a promoção do desenvolvimento sustentável de grupos e territórios, participantes de movimentos sociais ou não. Apesar de a Educação Popular estar presente, na maioria dos casos, no âmbito da educação informal, é pertinente e viável ao ensino formal brasileiro.

As transformações sociais provocadas pela Educação Popular atendem aos anseios das comunidades mais vulneráveis, como as de agricultores, permitindo a construção de um novo modo de vida em sociedade, priorizando a qualidade de vida e o bem-estar socioambiental, mediante o incentivo a cultura da sustentabilidade. O desenvolvimento rural proporcionado através da Educação Popular tem tornado a sustentabilidade algo real, sendo percebido no cotidiano dos agricultores, como no caso dos integrantes do GESTRAF.

Referências

ACOSTA, Alberto. O Buen Vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo. In: SOUSA, C. M., (org.) **Um convite à utopia**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Um convite à utopia *collection*, vol. 1, pp. 203-233. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/kcdz2/epub/sousa-9788578794880.epub>. Acesso em: 21 ago. 2019.

ALBA, Graciela Olivo; BARRETO, Fabiola Olivo; ALBA, Pablo Ferreira da Silva. **Um olhar sobre educação ambiental e sustentabilidade**. XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. PUCPR: set. 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17759_8221.pdf. Acesso em: 20 ago. 2019.

BERTINETI, Elizane Pegoraro; PEREIRA, Ana Lúcia Vergara; OLIVEIRA, Neiva Afonso. **Educação popular na escola pública: o valor da origem e cultura dos indivíduos**. Santa Maria: UFSM. 2010. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2004/Elizane%20Pegoraro%20Bertineti.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BILYK, Claudio. **A importância da educação ambiental para a sustentabilidade**. Gazeta do Povo. Giro Sustentável, mar. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/giro-sustentavel/importancia-da-educacao-ambiental-para-sustentabilidade/>. Acesso em: 13 ago. 2019.

BOFF, Leonardo. **História da Sustentabilidade**. Disponível em: <http://www.leonardoboff.eco.br/site/lboff.htm>. Acesso em 13 ago. 2019.

_____. **Sustentabilidade: O que é - O que não é**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CALGARO, Cleide. **Sustentabilidade, Racionalidade e Consumo: As Faces do Poder**. IV Semintur - Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Caxias do Sul:

Universidade de Caxias do Sul - UCS, 2006. Disponível em:

https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT05-5.pdf. Acesso em: 12 ago. 2019.

CRESWELL, John W.. **Projeto de Pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. 2ed., 248p., il., Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Aquífero abastece mais de 600 mil pessoas no Cariri.**

Fortaleza: Verdes Mares, 2017. Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/aquifero-abastece-mais-de-600-mil-pessoas-no-cariri-1.1861471>. Acesso em: 13 ago. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra 1997.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GADOTTI, Moacir. **Ecopedagogia, Pedagogia da terra, Pedagogia da Sustentabilidade, Educação Ambiental e Educação para a Cidadania Planetária:** Conceitos e expressões diferentes e interconectados por um projeto comum. Instituto Paulo Freire: Centro de Referência Paulo Freire. 2009. Disponível em:

http://www.acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3397/FPF_PTPF_01_0420.pdf. Acesso em: 13 ago. 2019.

_____. **Educar para uma vida sustentável.** In: Educar para a Sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. Série Unifreire, 2.ed., São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

_____. Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**, 2005, p.15-29. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n6/n6a02.pdf>. Acesso em 12 ago. 2019.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária.** São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário.** Brasília: 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/barbalha/pesquisa/24/76693>. Acesso em 13 ago. 2019.

_____. **Produto Interno Bruto dos Municípios.** Brasília: 2016. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/barbalha/pesquisa/38/46996>. Acesso em 14 ago. 2019.

KAUARK, Fabiana da Silva. MANHÃES, Fernanda Castro. MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa:** um guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

PEULVAST, Jean-Pierre; BÉTARD, François. A history of basin inversion, scarp retreat and shallow denudation: The Araripe basin as a keystone for understanding long-term landscape evolution in NE Brazil. **Geomorphology**, Amsterdam, v. 233, p. 20-40, 2015. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0169555X1400511X>. Acesso em: 14 ago. 2019.

PINI, Francisca Rodrigues de Oliveira. Educação popular e os seus diferentes espaços: educação social de rua, prisional, campo. **Congresso Internacional de Pedagogia Social**, jul. 2012. Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092012000100032&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 ago. 2019.

POLI, Odilon Luiz. **Educação popular na escola e questão da participação**. Poços de Caldas: 26ª Reunião da ANPED, 2003. Disponível em:

<http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/odilonluizpoli.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2019.

ROOS, Alana; BECKER, Elsbeth Leia Spode. Educação Ambiental e Sustentabilidade.

Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental - REGET/UFSM, v.5, n.5, p.857-866, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/download/4259/3035>. Acesso em: 20 ago. 2019.

SANTOS, José Carlos do Nascimento. **Educação popular e EJA se faz com crítica e autocrítica**. IV CONEDU – Congresso Nacional de Educação, out. 2017. Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA12_ID9840_15102017121203.pdf. Acesso em: 13 ago. 2019.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. rev. e atual. São Paulo-SP: Corra. 2007.

SILVA, Arthur Carlos da; SILVA, Eduardo Jorge Lopes da. **Educação popular na escola pública: uma prática educativa para transformação social**. II Congresso Internacional de Educação Inclusiva – CINTEDI. Campina Grande: 2016. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA13_ID2822_23092016122127.pdf. Acesso em: 13 ago. 2019.